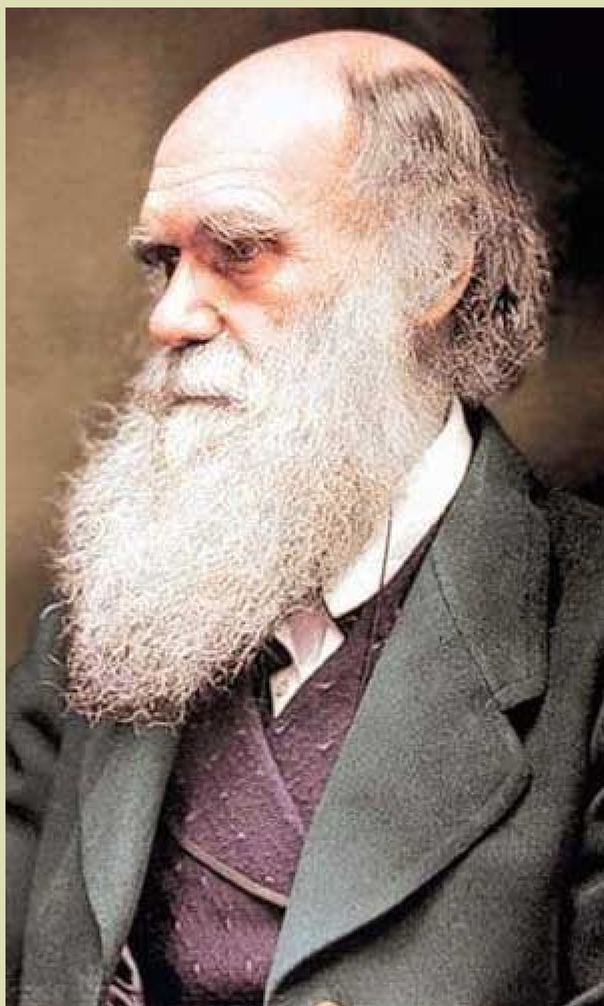


200 anos de Darwin

Na semana que acaba de terminar se comemorou o 200º aniversário de nascimento de Charles Darwin, um dos pensadores mais influentes da história, escritor notável, arquiteto de notáveis disquisições sobre a realidade do mundo e como explicá-lo, e pretexto para que muitos canalhas discriminem seu próximo. E áte que se comemora! A traiçoeira Albión (assim era chamado antigamente a Grã-Bretanha), nunca faz mesquinharia para honrar seus filhos favoritos, tem representado uma moeda de duas libras esterlinas (os britânicos desprezam o Euro como uma futilidade continental) com o conhecido perfil de Darwin barbudo, de frente com um chimpanzé. Acredito que, ao assim homenageado, esta moeda não lhe daria muita felicidade. E não me refiro ao chimpanzé.



E é que até a data de hoje o público em geral relaciona Darwin com um só conceito: que o homem descende evolutivamente do macaco. Certamente nossos deputados poderiam dar sustento à idéia, escutando seus uivos de macaco, o temperamento orangutanesco com que se comportam e a forma em que vão de um documento a outro como se de lianas se tratasse (fenômeno chamado braquiação presupestívora). Mas o caso é que 1) Darwin jamais disse (nem escreveu) tal coisa; e 2) o homem não descende de nem um primata contemporâneo: esses nossos parentes se foram por outro ramo evolutivo há uns sete milhões de anos. E embora estejamos relacionados geneticamente, não descendemos nem de chimpanzés nem de gorilas nem de nem um malicioso companheiro de viagem atual.

Que durante tanto tempo se ate um homem à uma idéia equivocada é produto do trabalho da geniosidade de seus críticos, do Século XIX ao XXI. E é que dessa maneira seus inimigos pretendem indignar as boas consciências que se sentem aludidas, rebaixadas e insultadas por semelhante relação.

Por que essa aversão contra Darwin? Bom, por que este foi um autêntico revolucionário, que puxou o tapete debaixo dos pés de um bom número de gente quando publicou sua

"Origem das espécies através da Seleção Natural" em 1859 (sim, neste ano, por Novembro, se comemorará o 150º aniversário da publicação de um dos livros mais influentes da Modernidade). Para alguns religiosos "ultrapassados", questionava o relato (imaginário, segundo entendo) da Criação como aparece na Bíblia. Para não poucos cientistas, convertia a Natureza em algo espantosamente complicado, variante e "transmutante" (como se dizia nos seus tempos), que tinha o porco costume de mutar, criando novas espécies e descartando outras mediante a seleção natural. E para o homem comum, lhe zumbiam nos ouvidos o conceito (popularizado por Spencer: realmente não é de Darwin) da "sobrevivência do mais apto" (de novo, algo que na prática negam nossos políticos, que sobrevivem durante séculos sem fazer nada útil, demonstrando suscetivelmente serem uns inaptos). Por tudo isso, Darwin foi completamente impopular em certos círculos.

Talvez o que mais enfurece seus críticos é que não há maneira de criticá-lo. Darwin era um obcecado pela comprovação exata de tudo o que propunha ou escrevia: se dizia que a burra era parda era não por que tivesse os cabelos na mão: tinha a pele inteira. Vá vá, até para decidir se se casaria ou não fez uma lista de prós e contras (ganharam os prós e teve dez filhos).

A "Origem das Espécies" é um dos mais brilhantes trabalhos, fruto do pensamento científico pelo minucioso de suas observações, o objetivo de sua visão, o genial de suas intuições e os detalhes minuciosos das comprovações que faz de suas propostas. A teoria da evolução não é uma teoria: está mais comprovada que a inaptidão dos ocupantes do Congresso dos Deputados. Não é uma lei (como a da gravidade) por que não é mecanicamente previsível; mas os princípios básicos propostos por Darwin há século e meio ninguém que queira ser levado a sério discute.

A "Origem das espécies" foi em grande parte fruto da viagem ao redor do mundo que, entre 1831 e 1836, realizou o jovem Darwin a bordo do barco "Beagle". Durante esse longo e prolongado périplo (na qual se passou no mar quase o tempo todo) Darwin observou com perspicácia e lucidez assombrosas como certos pássaros habitantes de uma ilha tinham o bico de uma forma, enquanto outros da ilha vizinha o tinham diferente; ou que havia fósseis de conchas marinhas bem acima de algumas montanhas; ou que alguns gastrópodes se tornavam hermafroditas em determinadas circunstâncias.

Já viram as datas? Já fizeram as contas? Darwin esteve analisando o observado durante a viagem do "Beagle" durante quase um quarto de século.

Na verdade, apressou a publicação de sua obra grandiosa (segundo ele, ainda não estava acabada) por que Alfred Russell Wallace havia chegado por seu lado a conclusões similares, e podia levar todo o crédito (como ficaram as coisas, consideramos Wallace como o pai da geobiologia ou biogeografia: como e por que se distribuem sobre a Terra os seres vivos).

A "Origem das espécies" teve uma aceitação diversa: nos círculos científicos teve um sucesso ressonante (em parte por que o nome de Darwin já era conhecido por obras anteriores); a imprensa a princípio não soube o que fazer com aquilo; e os filisteus de sempre começaram a atacá-lo como herético e pagão. No entanto, no seu tempo as teses darwinianas não foram tão ultrajadas como alguém poderia supor no círculo da Inglaterra vitoriana.

Mas como herança dessas lutas, em algumas partes tomou-se Darwin como algo menos do que o demônio, e as conseqüências foram lamentáveis. Em 1925 o estado norte-americano de Tennessee se converteu no "faz-me-rir" universal quando submeteu a julgamento um professor de escola chamado John Scopes por ter violado uma lei que proibia o ensino da teoria de Darwin nas escolas públicas. O chamado "Julgamento de Scopes" se converteu em uma meta na luta entre a ciência e a pré-modernidade. E não faz muito tempo que os ingênuos e primitivos membros da Associação da Educação do Kansas emitiram um decreto mediante o qual é obrigatório, nas escolas desse estado, ensinar a história do Gênese junto com a teoria evolucionista.

Mas isto fica no tinteiro. Esperamos retomar em um futuro o tema, o personagem, e o bem e o mal que se tem usado suas idéias há 150 anos.

Conselho não pedido: Veja "Herdará o vento" (Inherit the wind, 1988) com Jason Robards e Kirk Douglas, sobre o julgamento de Scopes. Bem proposta, bem feita. Bom proveito.

As duas vidas de Charles Darwin

Charles Darwin teve duas vidas: uma a bordo do Beagle, que durou cinco anos (1831-36), e outra, desde sua volta, enclausurado em Down, no condado de Kent, classificando, analisando e "fazendo experiências". Casado com uma prima irmã, foi pai de nove filhos; leitor de novelas românticas, teve por hobbys o gamão e o bilhar. Estudante medíocre, foi um colecionador apaixonado; entre seus interesses, a geologia e todo tipo de animais. Desde sua volta da viagem, padeceu diversas doenças, talvez em conseqüência de ter contraído o mal de Chagas. Sofria de enxaquecas, indigestão, vômitos, mas apesar disso foi um infatigável e metódico trabalhador. Estudou em uma época e em um país em que a mentalidade estava regida pelo essencialismo (doutrina dos sistemas filosóficos que sustentam que a essencia procede da existência) e pela teologia natural.

Desenho inteligente

O Darwin que se torna marinheiro no navio da força britânica, ao comando de FitzRoy (aventura contada admiravelmente no Diário do Beagle, 1839), é um crente literal da Bíblia, mas nesse mesmo barco, metáfora racional do mítico Arca de Noé, começou a suspeitar de Deus e de tudo o que tinha sabido até então sobre a origem e constituição da vida, isto é, de seu desenho inteligente.

Darwin não descobriu totalmente a famosa teoria da evolução: de alguma maneira, tinha indícios dela em Buffon, J. F. Blumenbach, Lamarck, no mesmo avô de Darwin, Erasmus Darwin; e, especialmente, em seu coetâneo Russell Wallace. Todos tinham pensado em alguma forma de evolução contrária à imutabilidade das espécies.

Além da exaustiva e inesgotável demonstração da evolução (apoiada fortemente na morfologia em interação com o ambiente), Darwin introduziu o conceito de que dita evolução era feita por seleção natural, presente já em suas notas de finais dos anos trinta, antes de que ele tornasse público de maneira definitiva em 1859 na origem das espécies, uma obra que, junto com Revolutionibus (1543), de Copérnico, e Philosophiae naturalis (1687), de Newton, faz parte das maiores mudanças de paradigmas científicas desde a época do mundo clássico até a modernidade. O livro teve seis edições em inglês e deu o que pensar à cientistas, políticos e filósofos (e dores de cabeça à todas as igrejas). Foi impopular por que, entre outras coisas, contradizia a teologia natural, cujo "livro de cabeceira-de-cama" na Inglaterra era a obra do clérigo William Paley. Embora que a palavra evolução não aparece na origem das espécies, sim a idéia está. Do que não se fala ali é que o ser humano compartilhasse um antepassado com os símios. Isso virá logo. Darwin explicou, sobretudo, que a adaptação provoca a variedade e a complexidade estrutural.

A totalidade do universo

A seleção natural conduz à divergência entre espécies, gêneros e categorias, algo que permite a coexistência em uma área reduzida. Os problemas científicos que suscitou não foram menos que os metafísicos (isso disse Karl Popper); e, como nos contam estudiosos como Ruse, Quammen, Francisco J. Ayala, Juan Moreno e Eldredge, os paradoxos emergentes da seleção natural continuam sendo fonte de discussão de geneticistas, filósofos da ciência, naturalistas e

paleontólogos. "A evolução (afirma Ruse) compreende que tudo é fluido. As espécies são reais ou objetivas. Como resolver este paradoxo?" As idéias de Darwin supõem a unidade de toda vida refletida na evolução, um processo que carece de finalidade embora é enormemente eficaz. Darwin, segundo Quammen, "nos ajudou a entender totalmente o universo físico como domínio das contingências concretas, não dos ideais imperfeitamente representados".

Como é sabido, uma das seqüelas da seleção natural é a corrente denominada darwinismo social, mas isto tem pouco que ver com Darwin e muito com Spencer, com quem não estava de acordo. Além disso, há que relembrar que Darwin, longe de destacar a importância evolutiva do homem, a suspendia na riqueza da vida, afirmando inclusive a semelhança, quanto a habilidades mentais, de todos os mamíferos superiores.

A seleção natural foi completada e se enriqueceu nos anos trinta ao combiná-la, graças a vários especialistas em genética populacional, com a genética de Mendel, dando surgimento ao neodarwinismo. O seguinte momento, de uma importância incalculável, acontece em 1953 com a descoberta da dupla hélice do DNA, o material químico da herança.

A herança de Darwin continua enriquecendo as pesquisas. Por exemplo, os importantes trabalhos do naturalista e paleontólogo Stephen Jay Gould, quem junto com Niles Eldredge é o pai do "equilíbrio pontuado". Uns princípios muito discutidos, especialmente entre nós, pelo biólogo Juan Moreno em seu admirável livro "Os desafios atuais do darwinismo (Sínteses)". De Eldredge foi publicado Darwin. A descoberta da árvore da vida, cuja leitura há que complementar com o mais amplo do filósofo da ciência Michel Ruse: Darwin (ambos em Katz), no qual são reunidas as amplas controvérsias da teoria da seleção natural.

Pesquisas de campo

Há que destacar também as valiosas publicações da obra de Darwin realizadas por Laetoli: Autobiografia, Plantas Carnívoras ou A Fecundação das Orquídeas. A Espasa fez duas magníficas edições da origem das espécies e o Diário de Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo. Para complementar esta obra, recomendo o grandioso livro de Alan Moorehead Darwin e o Beagle, ilustrado com as pesquisas de campo de Augustus Earle e Conrad Martens (Edições de Aguazul). Quanto às biografias, além da de David Quammen, O Indeciso Mr. Darwin, há que destacar a volumosa de Janet Browne, cujo primeiro volume (Darwin: A Viagem) acaba de aparecer na Editora da Universidade de Valencia; o segundo, O Poder do Lugar, está ainda em publicação. Aos interessados na discussão entre criacionismo, cristianismo e evolução, recomendo-lhes o esclarecedor artigo do biólogo Francisco J. Ayala Darwin e o Desenho Inteligente (Aliança).

Traduzido por Nacionalista88

História
Ordem Nacionalista